

Experiência missionária na Coreia do Sul

de Luiz Carlos Emer (Missionário da Consolata)

A minha vocação missionária surgiu quando estava concluindo o segundo grau e discernindo que curso de faculdade fazer. Lendo um artigo de um missionário trabalhando no Nordeste do Brasil ele falava do grande sofrimento daquele povo, da seca, e da grande necessidade de pessoas que se dispusessem a ir ao encontro desta realidade, pessoas dispostas a se doarem, a fazerem-se irmãos daqueles irmãos e irmãs que tanto sofriam. Aquilo me tocou profundamente, pois eu estava me preparando para disputar uma vaga de engenharia... -tantos jovens querendo fazer a mesma coisa na vida enquanto pouquíssimos estavam dispostos a ir ao encontro destas realidades de pobreza e sofrimento.

Embora este pensamento não me deixasse mais em paz, chegar a abandonar todos os meus sonhos de carreira e de constituir uma família... e tornar-me missionário foi uma decisão muito sofrida. Mas acabei decidindo e em questão de meses entrei em contato com algumas congregações missionárias e acabei ingressando nos Missionários da Consolata.

Enquanto estudava teologia a congregação estava se preparando e fazendo contatos para iniciar sua presença na Ásia. O país escolhido foi a Coreia do Sul.

E foi no meu último ano de Teologia que os superiores fizeram a mim e a um colega de curso a proposta de fazermos parte da equipe de quatro missionários que iriam abrir esta nova missão, a primeira naquele continente.

Fui ordenado em Agosto de 1987 e em janeiro de 1988 partimos para a Coreia. Parti juntamente com um colega Colombiano, um Italiano e um Espanhol.

A primeira coisa a falar da Coreia é que é o único país ainda dividido desde o tempo da Guerra Fria: Coreia do Norte e Coreia do Sul. Um mesmo povo que primeiro sofreu o domínio Japonês por 35 anos e depois acabou sendo dividido pelas super potências e levados a uma sangrenta guerra entre si que durou Três anos e matou milhares de Coreanos, como também soldados americanos, aliados e chineses.

Após a guerra que findou em 1953 a Coreia do Sul com ajuda Norte Americana iniciou o processo de reconstrução e logo de um forte desenvolvimento industrial voltado às exportações. Grandes conglomerados econômicos, como a Samsung, a LG, a KIA, a Hyundai foram ajudados a nascer pelo próprio governo militar sul Coreano e estes conglomerados juntamente com outros menores se tornaram o motor do sucesso econômico da Coreia, que logo passou a ser um dos tigres Asiáticos.

A grande massa de trabalhadores mal remunerada dos anos 60 e 70 começou, na metade dos anos 80, a reivindicar seus direitos. Estes, juntamente com estudantes, grupos sociais, a Igreja católica principalmente, mas também monges budistas, saíram do silêncio e iniciaram o movimento pela Democratização do país. Houve grandes conflitos com o exército e a polícia e no maior deles resultou mais de 200 mortes e muitos feridos.

Em 1988 quando chegamos à Coreia o presidente acabara de ser pela primeira vez democraticamente eleito, embora as eleições tivessem sido muito questionadas e o eleito fosse ainda um general. O clima que se respirava pelas ruas ainda era o de um país preparado para entrar em guerra a qualquer momento e, portanto fortemente militarizado, sentia-se fortemente a desconfiança e medo de ser tachado de comunista e, portanto perseguido; haviam muitos presos políticos e ainda um razoável número de favelas com milhares de pobres que se tornara mão de obra barata para a indústria em grande expansão. Nos anos seguintes a Coreia deu significativos passos em direção à democratização do país bem como da eliminação das favelas embora isto não signifique que tenha acabado com os pobres.

A cultura coreana é muito antiga, se fala de 5000 anos, que se formou da mistura principalmente do Shamanismo, do Budismo, do Confucianismo e mais recentemente do Cristianismo. Como religião estruturada com templos e rituais regulares o Budismo é ainda a maior com cerca de 30% da população, embora a prática religiosa seja bastante baixa. O Cristianismo já vem logo em seguida com cerca de 28%, sendo 19% protestantes e 9% de católicos.

Como estávamos partindo para abrir uma nova missão e o Instituto tinha a expectativa de que pudesse ser uma missão feita em estilo diferente do tradicional, nós também partimos muito motivados e acalentando o sonho de fazer esta nova abertura profundamente marcada pela comunhão. Sonhávamos também em alicerçar aquela missão priorizando: os mais pobres, o diálogo inter religioso e a animação missionária.

Os primeiros dois anos foram para estudar a língua e para se ambientar naquele mundo e cultura tão diferentes. Sempre discernindo juntos, a nossa primeira atividade como missionários foi abrir uma comunidade de inserção numa favela, na periferia. Juntamente com outro missionário estive vivendo por oito anos naquele local numa experiência muito interessante. Foi de certa forma uma novidade para aquela Igreja local que se caracteriza por ser quase que exclusivamente centrada na paróquia e por um formalismo bastante forte. Com o passar do tempo novos missionários da Consolata foram chegando e chegava a vez de dar início a algo concreto acerca do diálogo inter-religioso. Assim abrimos um centro de espiritualidade e de diálogo. Embora eu não trabalhasse diretamente nisso participava não só no discernimento mas também acompanhava algumas atividades e iniciativas.

Enquanto isso foram surgindo também várias iniciativas na linha da animação missionária e vocacional entre as quais a publicação bimensal de uma revista missionária que chega a todo o país, e a entrada dos primeiros candidatos para a vida missionária.

Para um aprofundamento maior da cultura eu voltei às aulas. Fiz o mestrado em filosofia oriental, mais especificamente em Confucianismo e quando concluí participei de outra abertura que foi uma nova inserção, desta vez na periferia de Seul, numa vila também muito pobre. Aí ficando três anos fui chamado para um retorno temporário à pátria, onde estou há quase quatro anos.

Como a nossa missão foi muito marcada pelo discernimento comunitário e pela comunhão entre nós fica difícil falar da minha missão sem falar do que foi para a nossa comunidade. E nisto eu penso que residiu nossa maior força e o que deu o sentido mais profundo à missão da qual participei.

Porém, pessoalmente a missão da Coreia, além do privilégio de poder fazer uma interessantíssima experiência de entrar e partilhar 16 anos numa cultura tão diferente mostrou-me que Deus de fato está presente em todos os povos e religiões, mesmo quando as pessoas não são conscientes disso... Pois encontrei e testemunhei os mais altos e belos valores humanos no meio daquelas pessoas. Valores esses que só podem ser cultivados onde Deus está presente.

Para a Igreja Coreana, nós com toda a nossa pequenez estamos sendo primeiro um sinal de alegria por viver e partilhar nossa vida com os mais pobres. Depois, um testemunho de que verdadeiramente acreditamos e apostamos na causa do diálogo inter-religioso. Sem esquecer nossa luta árdua por despertar a consciência missionária naquela Igreja profundamente diocesana e local.

Refletindo sobre o quanto pude aprender e crescer naquela missão, o sentido mais importante que eu vejo para a minha Igreja de origem é o fato de que ao partir e partilhar minha vida com outros povos e outras Igrejas não perdemos ou 'ficamos menos', mas nos enriquecemos e amuderecemos, pessoalmente e também como Igreja que envia. Ou seja, a partilha só enriquece.

A partir da minha experiência, para tornar efetiva aquela "conversão missionária" da qual o Documento de Aparecida fala, a Igreja do Brasil deveria se conscientizar cada vez mais de que a missão é de todo o povo de Deus e de que esta só será significativa e perdurará se realizada em comunhão e colaboração com a riqueza que são os leigos.